

## **O ANTIGO LIVRO TOMBO DA CAPELA DA LUZ: RECORTE HISTÓRICO DE 1944 A 1963 E PROPOSTA DE CONSERVAÇÃO**

ALINE DUVAL DA CUNHA<sup>1</sup>; ROBERTO HEIDEN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [alineduvaldacunha@gmail.com](mailto:alineduvaldacunha@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [heidenroberto@gmail.com](mailto:heidenroberto@gmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

Em 1821, o capitão de barco José Fernandes da Victória, após recuperar a visão por meio de uma suposta graça alcançada, mandou erguer a Ermida da Luz em agradecimento a Nossa Senhora da Luz, na então Freguesia de São Francisco de Paula, local que corresponde atualmente à Rua Padre Anchieta, na cidade de Pelotas-RS. Com o passar das décadas e o aumento do número de fiéis, a pequena ermida já não atendia às necessidades da comunidade local e, por este motivo, foi demolida (Rubira, 2012). Em 1899, foi lançada a pedra fundamental para a construção de uma nova capela no mesmo local, inaugurada em 1912 (Magalhães, 1994).

A partir de estudos anteriores sobre a história e a memória da antiga e da atual sede da Igreja da Luz, foi consultado o Livro Tombo da Capela, datado de 1912, e preservado pela própria instituição. A análise desse documento revelou informações inéditas sobre reformas nos edifícios da igreja, realizadas tanto pelos Freis Franciscanos quanto pelos Freis Capuchinhos, que acrescentam novos elementos à narrativa acima descrita. O livro também permite reflexões críticas sobre a atuação da igreja em diferentes períodos. Constatou-se, no entanto, a necessidade de apoio técnico para melhorar o acondicionamento desse material e garantir sua preservação.

Nesse sentido, o presente trabalho propõe o resgate de aspectos históricos e patrimoniais da Capela da Luz, além da discussão de estratégias adequadas para a conservação do Livro Tombo, que é um documento centenário e que representa um importante registro da identidade e memória coletiva de Pelotas. Esta pesquisa integra o projeto “Histórias sobre arte, memória e patrimônio em Pelotas-RS”, coordenado pelo Professor Dr. Roberto Heiden (DMCOR-UFPe), e tem como objetivo contextualizar as transformações físicas e simbólicas ocorridas na capela ao longo de suas reformas. Além disso, propõe-se uma reflexão sobre a importância da preservação do acervo documental, em especial do Livro Tombo.

### **2. METODOLOGIA**

Este trabalho surgiu a partir do estudo realizado sobre a demolição da antiga Capela da Luz, construída em 1912 e posteriormente substituída pela atual Paróquia Nossa Senhora da Luz, erguida no mesmo local. A presente pesquisa foi impulsionada por dois estudos anteriores: o primeiro, que explorou a memória e a identidade dos antigos frequentadores da capela, e o segundo, que comparou a arquitetura eclética da construção erguida em 1970 com o estilo moderno da nova igreja. A partir desses levantamentos iniciais, decidiu-se aprofundar a investigação por meio da análise do livro tomo da capela, datado de 1912. Optou-se por um recorte histórico com ênfase entre 1944 e 1963. Essa escolha se justifica pela relevância das transformações ocorridas nesse período: trata-se de uma fase marcada por intervenções significativas na estrutura da capela, que antecederam a sua demolição em 1967. A metodologia utilizada envolveu revisão bibliográfica e consulta a fontes documentais, incluindo

jornais antigos, almanaques e o próprio Livro Tombo. No que diz respeito às estratégias para uma conservação mais adequada do Livro Tombo, com base em Muñoz Viñas (2021), serão implementadas iniciativas para a promoção da conservação preventiva do documento, em estratégia que se alinha com os princípios de intervenção mínima e reversibilidade defendidos pelo autor.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A antiga Capela da Luz passou por significativas transformações entre os anos de 1912 e 1963, período documentado no livro tombo, que registra a atuação de vinte e dois párocos, incluindo padres e freis Franciscanos e Capuchinhos. De acordo com Daltoé (2012), a capela da Luz, de 1912, foi construída por Caetano Casaretto. Ela teria dimensões internas de 15,40 metros de comprimento e 5,80 metros de largura, construída em estilo eclético. Segundo Magalhães (1994), a Capela da Luz esteve inicialmente sob jurisdição da Paróquia de Capão do Leão, à época ainda pertencente ao município de Pelotas (RS). Contudo, em julho de 1915, devido à escassez de padres, a administração da capela foi incorporada à Catedral de Pelotas.

De acordo com informações do Livro Tombo, essa escassez ocorreu em decorrência da Segunda Guerra Mundial. Como a comunicação com a Europa foi interrompida, os religiosos decidiram se retirar. (Frei Encantado, apud Livro Tombo, 1912, p. 50). Em 1931, os freis Franciscanos assumiram oficialmente a administração da capela e, já em 1944, propuseram uma remodelação da sua estrutura. Entre as alterações descritas no livro tombo, destacam-se: a demolição das paredes internas que separavam a nave da sacristia, com acabamento em escaiolas; a substituição dos vidros das portas; a retirada da escada que levava à tribuna, sendo esta substituída por uma escada em caracol; a troca do assoalho da nave e a caiação da parede onde se localizava o altar-mor. (Livro Tombo, 1912, p. 45). A remodelação da Matriz teve início em 18 de janeiro e foi concluída em 21 de fevereiro. Registrou-se ainda a recomendação para que, em eventuais reformas futuras, os reverendos vigários consultassem os projetos e plantas arquivados, de forma a preservar a coerência com as intervenções anteriormente realizadas.

Há uma lacuna temporal na documentação em questão, compreendida entre os anos de 1945 e 1950, período em que não há informações disponíveis. Os registros são retomados em 1950 pelo frei capuchinho Demétrio de Encantado, que, por meio de uma matéria publicada no jornal Folha do Povo de Pelotas, de 1943, decide rememorar a construção da Ermida da Luz, e traz à tona as medidas da primeira Ermida, construída em 1824. “A capela conta por dentro com 70 palmos do altar à porta e 24 de largura, com sacristia e o lado muito posteriormente construído.” (Frei Encantado, apud Livro Tombo, 1912, p. 49). Ao assumir a administração do templo, frei Demétrio ouviu diversos lamentos da comunidade. Segundo ele, a remodelação feita pelos Franciscanos fez com que a capela parecesse protestante, o que afastou muitos fiéis da igreja e da prática religiosa:

A igreja estava desolada. O altar mor e os dois laterais haviam sido reduzidos a três grandes cruzeiras de madeira [...] as estátuas dos santos tinham sido recolhidas a um canto da igreja, junto ao pé da escada [...] dando a impressão de uma igreja fria protestante (Frei Encantado, apud Livro Tombo, 1912, p. 51).

Em 1949, os Freis Capuchinhos realizaram uma reforma na igreja, iniciada com a solicitação de autorização ao bispo. O muro antigo, foi demolido e reconstruído outro

no local. “As próprias crianças se haviam encarregado de derrubar o muro que contava uns 30 40 anos de existência.” (Frei Demétrio, apud Livro Tombo, 1912, p. 57). Foram também feitas melhorias no telhado e no forro. As obras foram financiadas por meio de esmolas arrecadadas entre as famílias que frequentavam a comunidade, devido à falta de recursos da igreja.

Além dos registros referentes às reformas realizadas na igreja, outros relatam preocupações com o comportamento dos fiéis no interior do templo. No verão de 1953, por ordem do bispo, iniciou-se uma campanha contra o que se classificava como “despudor” na casa de Deus. Os fiéis foram advertidos insistentemente, tanto por meio de sermões no púlpito, quanto por cartazes afixados nas dependências da igreja, sobre a importância do zelo, do respeito e da modéstia ao se adentrar no espaço sagrado. A atenção era especialmente voltada ao vestuário feminino, com ênfase na necessidade de um “mínimo de decência” para que se permitisse a frequência.

No dia 5 de dezembro de 1953, uma jovem integrante da ação católica foi posicionada à porta da igreja com a função de impedir o ingresso de mulheres cujo vestuário fosse considerado inadequado. De acordo com os registros, tratava-se de um dia de celebrações de casamentos, e o frei responsável deixou registrado o ocorrido da seguinte forma:

Não demorou que apareceram as despudoradas, pretendendo entrar, mas a “polícia” firme e enérgica e até uma noiva tolheu o ingresso até que remediasse, de qualquer modo ao decote clamoroso do seu vestido. Não cabe aqui a enxurrada de injúrias e exprobrações que atraiu sobre si a heroica defensora do lugar santo. (Frei Nelson, apud Livro Tombo, 1912, p. 70).

Em 24 de agosto de 1954, frei Nelson considerou grave a situação do país após o suicídio de Getúlio Vargas, observando reações de luto e críticas. Informou que, por ordem do bispo e conforme as leis eclesásticas, nesses casos, as missas públicas são proibidas. Em outubro, ele relatou a participação da igreja nas eleições e que os políticos não pouparam sacrifício em fazer suas propagandas dizendo-se católicos e frequentando as missas. Relatou ainda que os bispos cancelaram a candidatura de Rui Ramos ao senado, pois ele era do partido dos trabalhadores do Brasil e possuía ideias “divorcistas”. A recomendação seria a de votar no candidato Armando Pereira da Camera. “Receávamos que desta vez também fosse um fracasso; porém, o povo raciocinou e a vitória foi completa, venceu a frente democrática e os candidatos recomendados pela igreja.” (Frei Marcos, apud Livro Tombo, 1912, p. 71).

A última reforma realizada pelos capuchinhos ocorreu no final do ano de 1959. “Foram feitos melhoramentos na Matriz, já que não se pensa em fazer igreja nova, por enquanto.” (Frei Fausto, apud Livro Tombo, 1912, p. 86). No dia 31 de março de 1963, os freis capuchinhos deixaram a paróquia após dezessete anos de administração. Assumiu no lugar o padre José Schramm, que seria o responsável pela demolição da antiga capela, no ano de 1967. Os freis capuchinhos, em razão de contrato, deveriam ocupar o espaço por 40 anos. No entanto, o Exmo. Bispo D. Antônio Zattera, descontente com a atuação dos mesmos, pediu a retirada do grupo. (Schramm, apud Livro Tombo, 1912, p. 93).

A segunda parte deste trabalho refere-se à proposta de conservação do livro tomo de 1912. Devido a questões administrativas internas, o livro não pôde ser retirado da igreja, o que impossibilitou o seu transporte para a universidade com o intuito de realizar procedimentos de higienização e a nova encadernação.

O documento encontra-se atualmente acondicionado na posição horizontal, dentro de um armário de madeira, com outros livros e um crucifixo dispostos sobre

ele. Essa forma de guarda é considerada inadequada, uma vez que exerce pressão indevida sobre o volume, podendo comprometer sua integridade física ao longo do tempo. Apesar dessa situação, o livro apresenta-se em bom estado de conservação geral, não conta com nenhuma folha faltante, rasgos nas folhas ou manchas que comprometam a sua leitura. Mede 34 × 22,5 × 2 cm e apresenta pequenos rasgos nas pontas da capa revestida por tecido, sendo estes os danos mais evidentes.

Diante desse contexto, indica-se uma intervenção de conservação preventiva, com foco em dois procedimentos principais: a higienização mecânica a seco, utilizando pincel de cerdas macias, para remoção de sujidades, sem causar danos à estrutura do volume, e a produção de uma capa de proteção em papel neutro, com o intuito de melhorar seu acondicionamento e reduzir os riscos associados ao manuseio. Tais ações foram definidas com base na perspectiva de Muñoz Viñas (2010), que defende que o papel do conservador-restaurador não é necessariamente o de restaurar, mas sim o de preservar a informação contida nos bens culturais.

Esta proposta foi executada ao longo do mês de agosto de 2025, no espaço da sacristia, em horários distintos dos das atividades litúrgicas. Essa adequação do trabalho prático ao local do sagrado revela como elementos do cotidiano devem ser considerados ao se trabalhar com objetos ligados ao patrimônio religioso. O conservador-restaurador precisa levar essas rotinas em consideração no estabelecimento de seus métodos.

#### 4. CONCLUSÕES

A análise do Livro Tombo da Capela da Luz de 1912 oferece um recorte abrangente da atuação desta igreja em Pelotas-RS, evidenciando não apenas as transformações físicas da sede da capela ao longo das décadas, mas também os impactos simbólicos e sociais dessas mudanças sobre a comunidade. As reformas promovidas pelos religiosos responsáveis ao longo do tempo por sua administração refletiram diretamente nas práticas e na percepção dos fiéis, em alguns casos gerando afastamento e críticas. Além disso, o envolvimento da igreja em questões morais e políticas revela seu papel como influenciadora de normas sociais e comportamentais na comunidade. A proposta de conservação do Livro Tombo reforça a importância da preservação documental como instrumento de memória e identidade, destacando a necessidade de ações preventivas mesmo diante de limitações institucionais.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DALTOÉ, G. **Caetano Casaretto. Arquitetura Urbana em Pelotas/RS (1892-1931)** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.
- LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA LUZ (1912-1963).**
- MAGALHÃES, M. **Os Passeios da Cidade Antiga Guia Histórico da Ruas de Pelotas.** Pelotas Armazém Literário, 1994. 120p. il.
- MUÑOZ VIÑAS, Salvador. **La Restauración del Papel.** Madrid: Tecnos, 2010. (capítulo 1 - La restauración del papel)
- MUÑOZ-VIÑAS, Salvador. **Teoria Contemporânea da Restauração.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021.
- RUBIRA, L. (Org.) **Almanaque do Bicentenário de Pelotas.** v. 1. Santa Maria: Gráfica e Editora Pallotti, 2012.